

Ô ENCONTRO

Trilce / Buenos Aires, Institución del Psicoanálisis

Autor: Enrique Tenenbaum

Colóquio: *La rencontre*, Paris 2017

Esperar o inesperado, aceitar o inaceitável.

Confúcio

Se não esperar o inesperado, você não vai encontrar,
pois é difícil e inacessível.

Heráclito

Lacan tem promovido o dispositivo do cartel, onde quatro são escolhidos e, depois de um tempo, um ano ou dois, permutado por sorteio. Estes quatro em volta elegem um *plus-un*.

Eleição, escolha mútua e sorteio são associados no que respeita à ligação entre os praticantes da psicanálise em relação às questões da escola.

Por outro lado, Lacan considerou as diferenças entre a admissão como membro da instituição, a designação de AME e a nomeação de AE.

No laço e a maneira de praticar entre os membros das diversas associações que trabalham em relação ao ensino de Lacan, quase quarenta anos depois da sua morte, a questão para a enlacen de diferentes modos foi, e ainda é, uma questão controversa, como tem sido abordada dentro do movimento Convergência nos últimos anos.

Neste sentido, a proposta da CLF é um passo para a frente na possibilidade de começar a trabalhar as diferentes posições sobre o assunto como o eixo do debate neste colóquio.

A proposta é promover o inesperado. "... o inesperado ...o que é revelado como a espera, como o esperado, mas apenas quando ele chega", dizia Lacan.

A dois mil e quinhentos anos de o que foi dito pelo Confúcio e Heráclito: se temos avançado está em saber que não é possível esperar o inesperado se não aprendemos que é o esperado. O esperado nas reuniões de trabalho geralmente é a escolha mútua, o sorteio, a designação. Então qual seria o inesperado? Um vínculo social não produzido até o presente? Um novo laço coletivo? Fazer mais uma ronda de repetição?

No argumento do Colóquio propõe o termo "coletivo", que não é único em termos de seu significado, e ainda menos no sentido em que tomamos para os nossos encontros. Relevar alguns dos vários termos que Lacan refere às reuniões dos analistas é o viés pelo qual decidimos abordar a questão que nos traz aqui hoje.

1964 - 1967

Lacan fundou a sua escola em 1964 após a excomunhão, e em 1967 formaliza a sua proposição sobre o analista da Escola (AE), onde destacamos que, remetendo para o imaginário a facticidade das massas artificiais, adicionado o termo "estrutura de grupo", e diz que seria necessário para traduzir o título do texto freudiano *Massenpsychologie*: Psicologia do grupo.

De contrapor a esta tradução aquela que sugere a nota ao pé do final do “Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, onde salienta que o que Freud tem trabalhado nesse artigo é a psicologia coletiva, afirmando que o coletivo não é mas que o “sujeito do individual”.

¿Esta é uma distinção entre o coletivo e o grupo? No momento é para sublinhar.

Na experiência do passe Lacan refere-se ao modo de recrutamento de analistas nas instituições e destaca que, se esse modo é realizado em conexão com um real que é o da psicanálise, o "título" do analista da Escola muda radicalmente, não só modifica a estrutura da classe em questão - que o AE-, mas a natureza mesma do discurso. Para designar este recrutamento Lacan se refere a aglomerados humanos -*agrégat* é o termo usado-.

Então temos um novo termo: o conglomerado, que é diferente do utilizado para referir as sociedades analíticas, que funcionou até lá, de acordo com as leis ordinárias do grupo como Freud tinha descrito no início. Lacan propõe alterar o significado do termo AE através do recrutamento para o passe que suprime as “leis de concorrência que permitem trabalhar a maioria dos grupos humanos” e por sua vez é em relação ao discurso do analista.

Destacamos o desenvolvimento de termos que pudessem ser postos cada um no seu lugar: Massa, coletivo, grupo, conglomerado.

1974

No Seminário *Os nomes do pai*, na reunião de 9 de abril de 1974, Lacan aborda estas questões com um novo toque. Ele antecipa que o ser sexuado só se autoriza pelo ele mesmo -a fim de substituir o "x" nas fórmulas da sexuação pelo objeto *a*- e marcou alguns detalhes. O primeiro é a de que o ser sexuado não podia ser afirmado como tal se não tem escrito em algum lugar a castração.

Nesta linha ¿haveria analista se não encontrar-se escrito em algum lugar o discurso do analista? "Enquanto não houve discurso analítico, não houve analista", diz ele, e torna claro: não é que não houvera analistas, nem que não haveria "um" analista, mas que não haveria uma escritura que dão conta de uma operação com o real que para a psicanálise está em causa.

Em relação ao analista, diz que não pode “ser nomeado para”, e para tal é necessário escrever algo, "para inscrever o que espero venha a ser escrito, porque não é como quando eu invento, como quando eu invento o que preside a eleição do ser sexuado". Isso abre um enigma acerca do que se tem vindo a ser escrito, e continua: "Aqui eu não consigo inventar, pela razão de que um grupo, um grupo é real. E é mesmo um real que não consigo inventar pelo fato de que é um real surgido de novo".

Novo prazo: um grupo real. É evidente: não é a mesma caracterização do grupo que poderia traduzir a Freud para as massas, aquelas que envolvem a dimensão imaginária do grupo. Aqui é um grupo real. Mais, o que real? Ele é o real como a facticidade referida na

Proposição...? Lacan, no seminário, veio para aludir os sodomitas, que é dizer a todos aqueles que vieram de Sodoma, cerníeis pelo seu lugar de origem. Isto é o que pode ser chamado de "grupo de Sodoma", como em outras circunstâncias Lacan tem referido o "grupo de Estrasburgo", ou o "grupo Italiano". É uma forma de nomear o grupo em relação a um real da cartografia.

É realmente dessa ordem de real: uma nominação segregativa, desde os sodomitas - os habitantes de Sodoma- até a reunião sob a marca de uma prática sexual? Mais, todos os sodomitas são homossexuais, como todos os Cretenses são mentirosos, de acordo com o bem conhecido paradoxo?

O termo antes mencionado: *agrégat*, o conglomerado- é da mesma ordem que o agora chamado por Lacan "real"? Sugerimos que sim, como em 1973 Lacan especificado que, com respeito ao passe "...isso é o que ocorre em todos os conglomerados quando os seres humanos são recrutados neste real em nome de princípios são muito diferentes daqueles previamente autorizados constituem uma classe." Ressaltamos aqui "neste real", que acreditamos faz referência ao real do conglomerado, para que o fato de se situar implica já um condicionamento simbólico.

Agora voltemos à invenção. Por que Lacan não poderia inventar do facto de esse grupo - conglomerado- é real? Porque o que Lacan esperava é que houvesse algo em termos de uma escritura, bem como sem o discurso do analista não existe "analista", para as instituições da psicanálise seria"...do que emerge sob a forma de uma operação diferente tem a ver com letras, com uma redistribuição de essas letras. Isso se eu puder inventá-lo". E continua referindo-se à autorização do analista, ou seja, o procedimento de se tornar AE na escola, "Aguardo que algo se possa fazer do grupo sem volta para deslizar para baixo o antigo carril, um dos quais é o facto de ser nomeado para esse título."

Escritura e simulação

Para a mesma sessão do seminário Lacan nós teve reservado outra dificuldade: diz que é "simular com a multidão - e temos de ter sempre vernos lá com ela, para extrair de lá um grupo-simular com a multidão algo que labore como um corpo". Agora, temos de chamar a atenção para alguns problemas com a tradução ao espanhol, como tínhamos informado o que Lacan referia com o termo *agrégat* -conglomerado, mas agora é outro termo: *foule*.

Os dicionários não nos ajudam muito com os sinônimos, mas há uma diferença que para nós é clara: o conglomerado -*agrégat* -- é uma reunião de elementos heterogêneos, elementos justapostos que tenham algum grau de coesão -um sentido similar à que tem na nossa língua (espanhol) -, enquanto a multidão -*foule*-, a multidão é uma mera aposição de "animais da mesma classe"

O conglomerado é aquele heterogêneo em relação ao quais dá-se o recrutamento inicial - "médico, etnólogo e tutti quanti"-, mas aqui Lacan veio para se referir a organização imaginária, à multidão como uma massa no sentido freudiano, a massa artificial, que é organizada em relação a um líder. É então, se estamos de acordo para seguir este caminho, o que Lacan propõe para extrair da massa artificial -a igreja, o exército, a sociedade analítica: já não é sobre o recrutamento de profissionais-, d'essa massa extrair um grupo. Mas então este grupo extraído da organização imaginária não pode ser um grupo real.

¿Que classe de grupo poderia ser atirado a partir desta massa organizada e que também funcionam como um corpo? Haverá certamente quem diz aqui que é uma questão de escolha entre os membros das associações, aquele grupo dos "melhores", a elite. Mas Lacan já referido para outros grupos, para além do já mencionados. Colocar por agora dois: o grupo de Klein - a que se dedica uma boa parte dos Seminários sobre o fantasma e o ato - e o grupo fundamental do nó -no Seminário da identificação e do RSI.

Trata-se agora do grupo algébrico, que é “uma estrutura formada por um conjunto não vazio com um funcionamento interno que combina qualquer par de elementos para compor uma terceira parte, dentro do mesmo conjunto e que satisfaz as propriedades associativa, a existência do elemento neutro e simétricos”; um exemplo disso é o grupo *abelian*, que adiciona a comutativa, ou o grupo de Klein, que consiste de quatro elementos, cada uma das quais o inverso de si.

O grupo fundamental, para a sua parte, é a aplicação de uma estrutura algébrica de grupo para um dado conjunto em um espaço topológico. É aplicável para o nó o bem para a superfícies topológicas.

Quando Lacan propõe que as sociedades analíticas estão em relação à real que as causa e remete para uma escritura em que as letras podem sofrer uma mudança de distribuição, ¿não podemos ler ali que está a dar os discursos uma qualidade quase- algébrica, com a suas letras e relações fixas e que em sua rotação de um quarto de volta fazem a passagem de um para o outro?

É então pela escritura que poderia ser elaborado a partir da massa de um grupo, uma escritura que, como antes disseram com respeito para as fórmulas de sexuação- algo pode ser organizado simbolicamente de um real, funcionando como um corpo em consistência imaginária.

Entendemos que é esta ordem a indicada por Lacan quando afirmou que o problema dos prisioneiros do sofisma para dar conta da sua partida é que não têm um escrito para eles afirmar-se, que dizia que só podem concluir que já dançaram o mesmo balé. São afirmados em um movimento dos corpos, e não em uma escritura. E propõe então - como a trabalho de escola a ser feito e como uma continuação do sofisma - que em um conjunto de dimensões algo, de um mesmo golpe, faça espaço e tempo.

Temos até aqui, então, o esperado: 1) a multidão, como para Freud a massa organizada, grupo imaginário, 2) o conglomerado, como a simultaneidade de corpos marcados por um rasgo segregativo, grupo real, e 3) o discurso do analista, como o que poderia marcar a multidão para extrair um corpo, grupo simbólico.

Até aqui do que o esperado. A partir daqui podemos olhar para a frente, suscitar o inesperado.